

ANA MARIA MACHADO: UMA VOZ ENTRE A REPRESSÃO E A RESISTÊNCIA**Mirele Carolina Werneque Jacomel***

Resumo: Em busca da problematização de conceitos fundamentados no patriarcalismo, a Literatura contemporânea promoveu, através de seus textos, reflexões sobre a dimensão que havia atingido o discurso dominante. Entretanto, foi a partir do Golpe de 64 que algumas escritoras literárias se surpreenderam com uma nova barreira: o autoritarismo do discurso e das ações militares. Com o objetivo de examinar a expressão de resistência de Ana Maria Machado em relação ao medo e à censura e, posteriormente, a dor inscrita nas suas memórias, propomos uma discussão sobre a contribuição dessa escritora para a literatura de autoria feminina no Brasil através da leitura de *Tropical Sol da Liberdade* (1988).

Palavras-chave: Ditadura Militar, Literatura, Ana Maria Machado.

Presenciar o condicionamento que a sociedade brasileira foi submetida, dos anos 60 a 80, foi objeto de discussão para as mulheres ficcionistas no Brasil. Deitar os olhos sobre uma sociedade que havia conhecido os “Anos dourados” e a promessa do urbanismo industrial que exaurisse a sociedade de classes, mas que a linha dura silenciou com suas forças armadas prontas para a repressão, foi a maneira que muitos artistas encontraram para contribuir com a luta de resistência. Alegoricamente disfarçadas, as ficções tentavam criticar a forma de governo e ao mesmo tempo sobreviver ao “esmagamento” do mercado consumidor.

A produção literária de algumas escritoras recupera a problemática do gênero na cultura por meio de uma discussão mais ampla. Quer dizer, além de criticar a retaliação do feminino na cultura patriarcal, muitas ficções também ressaltam a participação direta e/ou indireta das mulheres na política social e na política partidária. As guerrilhas urbanas, no episódio da Ditadura Militar, constituem uma das temáticas discutidas na Literatura de autoria feminina publicada após a década de 70, manejando situações em que as mulheres contribuem com a crítica ao autoritarismo.

Essas obras, além de contemplar a visão de uma mulher de um percurso da história, constituem documentos imprescindíveis de uma geração que ainda não conhecemos completamente. No interior dessas obras, diferentes discursos se entrecruzam e desmistificam uma nova face da Ditadura de 64. A autoridade da história,

* Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Londrina.

como bem falou Dalcastagnè (1996), é colocada à prova diante de revelações íntimas das mães, das esposas, das filhas dos guerrilheiros. Cada uma dessas vozes carrega uma geração. Carrega dezenas de outras vozes que dialogam constantemente a ponto de ultrapassar o “universo ficcional” e questionar o próprio tempo, o próprio cotidiano.

De fato, romances, poesias, contos, enfim, textos que foram publicados por mulheres durante e após o golpe militar, e que resgatam essa temática a partir de uma perspectiva das relações de gênero, são substancialmente feministas e mostram, sobretudo, a autonomia que as escritoras possuíam, e possuem, para fazer veicular esses símbolos de sua indignação.

Uma das mais importantes contribuições a esse recorte dentro da genealogia de autoria feminina é *Tropical sol da Liberdade*, de Ana Maria Machado, romance publicado poucos anos após o fim da Ditadura Militar no Brasil, mas que carrega em cada capítulo, em cada parágrafo, a documentação de uma história vista de “baixo”, por olhos de uma mulher fragilizada sim, pelo barulho das armas, pelo peso das fardas, pelo medo da violência instituída com o AI-5, mas que não destituiu a mulher de ser uma cidadã crítica que deseja mostrar ao mundo que a Ditadura Militar deixou cicatrizes dolorosas em gerações de mulheres. Que esse referido sistema de governo finalizou em meados da década de 80, porém, deixou como herança as marcas da opressão/repressão que a história oficial não se preocupa em contar.

Em sua carreira literária, Ana Maria Machado possui mais de trinta publicações no Brasil e no exterior. Trata-se de uma importante escritora brasileira que vêm contribuindo com a literatura infantil e infanto-juvenil, além de publicar romances para jovens e adultos em uma linhagem mais politizada. Sua obra, portanto, é destinada a diferentes públicos, de diferentes gerações e gostos, marcando a dedicação de uma mulher num campo literário habitado secularmente por homens canonizados.

Ana Maria Machado vivenciou um dos mais conturbados anos de sua vida durante o Governo Militar. Em pleno peso do Ato Institucional n. 5, por volta de 1969, a escritora, então professora de uma faculdade no interior do Rio de Janeiro, foi presa e teve amigos e alunos também detidos pela repressão. Participou de reuniões e manifestações organizadas por movimentos sociais contra o governo, atuando, inclusive, nos projetos que organizaram o seqüestro do embaixador dos Estados Unidos no Brasil. A experiência lhe forçou tomar a decisão de deixar o país e seguir num exílio

voluntário. Em 1970, Ana M. Machado, instalada em Paris, trabalhou como jornalista e lecionou na Sorbonne. Com a ânsia por continuar os estudos, tornou-se estudante da *Ecole Pratique des Hautes Etudes*, orientada pelo semiólogo Roland Barthes¹.

Novas oportunidades surgiram à escritora que não deixou de produzir literatura durante o exílio. Foi para Londres trabalhar na BBC e no fim de 1972 estaria de volta ao Brasil trabalhando novamente em um jornal, desta vez no *Jornal do Brasil*. Essa experiência lhe proporcionou uma descoberta estética: sua linguagem se encontrava cada vez mais próxima da oralidade e, portanto, mais atraente ao público leitor juvenil.

Premiada por diversas vezes, Ana Maria Machado deixou os trabalhos jornalísticos para dedicar-se à literatura. O primeiro romance surgiu dessa decisão, *Alice e Ulisses*, publicado em 1983. Seu segundo romance foi *Tropical Sol da Liberdade*, resultado dos anos que vivenciou durante a Ditadura no Brasil. Publicado três anos após o último militar no poder, essa narrativa apresenta um fato interessante que coincide com a biografia da autora. A personagem protagonista Helena Maria de Andrade, a Lena, também viveu uma situação de exílio voluntário durante a Ditadura. Mais que isso, Lena também tinha inspiração pela escritura e seu maior desejo era conseguir ordenar seus pensamentos e construir histórias, peças de teatro, poesia, artigos para revistas e outras finalidades. No entanto, a personagem possui algum desvio de atenção que não permite a coerência em sua escrita e o motivo desse problema é um fato, de certa maneira, ambíguo no romance. Lena deseja pertencer a uma geração de escritoras que possam registrar todos os fatos de uma maneira mais intimista, narrar um recorte da história da sociedade brasileira a partir de uma análise pessoal. Em seu caso, do ponto de vista de uma mulher, apontando reflexões sobre os desmandos da referida sociedade. A diferença é que Ana Maria Machado, a criadora de Lena, realizou sua vontade de ser escritora e a sua criação, Lena, não o poderia justamente por se inscrever em um grupo de mulheres profundamente atingidas pela repressão, mais fracas, menos preparadas para enfrentar os discursos dominantes.

A complexidade de *Tropical Sol da Liberdade* pode residir na apropriação que a literatura faz da realidade. Ana Maria Machado poderia ter nos oferecido uma narrativa que afirmasse as verdades históricas, como tantos escritores o fizeram. No entanto, uma

¹ A Tese de Doutorado de Ana Maria Machado resultou no livro *O Recado do Nome*, que aborda questões da obra de Guimarães Rosa.

realidade empírica destituiria o romance, como obra literária, de uma de suas mais importantes funções: propor a reflexão sobre diferentes valores sociais e morais e questionar os diversos tipos de alienação diante de um fato dado e descrito de maneira linear, sem abertura para os grupos historicamente marginalizados. Essa é a função social do artista, e foi a maneira de Ana M. Machado contribuir com parte da história do país.

Tropical Sol da Liberdade apresenta uma narrativa documental cuja escolha de registros valoriza o universo feminino, que não se quer experimental. De fato, a integração entre o conceito de estética literária e o universo da arte especificamente feminina se afirma nessa trama.

Embora não seja reconhecido e divulgado como *A audácia dessa mulher* (1999), *Alice e Ulisses* e outros livros da autora, *Tropical Sol da Liberdade* oferece, com propriedade, a noção de que a Literatura se apóia na História e a partir dessa relação indissociável, o texto mostra abertura para uma discussão sociológica, capaz de analisar a obra como parte de um contexto maior, como fato social, tendo em vista pressupor valores que estão impregnados na linguagem do sujeito-autor(a), historicamente situado na mesma época em que a narrativa é projetada.

Alguns críticos literários consideram comuns as publicações de obras no período pós-ditatorial que expressam o espírito dilacerado, mas esperançoso pela redemocratização. O sentimento da nação aflorava através de suas diferentes expressões e, talvez a mais profunda história da realidade das décadas de 60 a 80 esteja, de fato, na literatura pós-ditatorial. Rocha (2003) considera que as obras desse gênero que apresentam aspectos da história recente do país podem ser reconhecidas como “contranarrativas performáticas”, ou seja, apresentam um novo ponto de vista sobre a história, desafiando os discursos pedagógicos e totalizantes do poder.

É importante considerarmos que ao mesmo tempo em que o espírito de democratização aflorou na sociedade brasileira do pós-guerra, o século XX também fortaleceu os regimes autoritários do exército. A influência européia de figuras como Hitler e Mussolini criou nas organizações militares o desejo pela totalização das formas de governo. No entanto, essa natureza da autoridade não se originou no ensejo do momento, mas sim foi despertada como um dos sincretismos próprios do ser humano. Foi a ocasião que fez insurgir a vontade de exercer o poder sobre a nação.

Tropical Sol da Liberdade questiona essa natureza da autoridade. A representação, então, da real figura do ditador se dissolve na sociedade e a tônica do debate recai sobre as relações de poder que imperam dentro de cada grupo. Do mesmo modo que Gramsci aponta para a sociedade hegemônica os diversos níveis de autoridade e hegemonia, o romance pós-ditatorial problematiza o ser humano enquanto processo dialético, resultado de constantes transformações. Isso quer dizer que existem diversos tipos de ditadura e que todo ser humano está inserido em uma rede hierárquica de poderes. A partir do universo e da própria trajetória de Lena, nossa protagonista, constataremos isso.

Nas palavras de Vieira (2004), Ana Maria Machado motiva o leitor a refletir sobre sua capacidade de transformar o mundo e um dos aspectos mais relevantes de sua literatura é o diálogo entre “realidade vivida e ficção, em que o leitor é convidado a (re)visitar o passado histórico em suas múltiplas faces, por meio da experiência estética oferecida pelo texto literário” (VIEIRA, 2004, p. 36). A narrativa histórica no texto literário de Ana Maria é apresentada de forma crítica, ressaltando pontos de vista diferentes dos enunciados histórico-tradicionais.

Em outras obras, Ana Maria Machado também trabalhou as diferentes relações de poder. Em seu livro *De olho nas penas*, publicado em 1981, a personagem “Quivira” encontrada por “Miguel” em seu sonho, representa a parte oprimida do processo de exploração e dominação dos europeus sobre os indígenas e negros. A viagem que Miguel realiza em seu sonho contextualiza três regiões e cada uma delas retrata uma parte da história da “conquista” do continente americano. Nessa “viagem” ao mundo íntimo de Miguel, a personagem “Quivira” expressa um ponto de vista crítico com relação à escola que, muitas vezes, faz com que seus alunos acreditem na história dos homens brancos, contada “de cima para baixo”.

Um das personagens mais conhecidas de Ana Maria Machado é Isabel, do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, publicado em 1985. Trata-se de uma garota recém chegada à puberdade, que começa a tomar consciência de si e do meio em que vive (FERREIRA, 2004). A menina, a partir de uma fusão entre a identidade de sua avó, Bia, e sua própria identidade, convida o leitor a refletir sobre os papéis sociais e sobre a formação do sujeito fundamentado nas escolhas que se faz no presente, em diálogo com o passado e, por que não dizer?, com o futuro.

Esse modo de narrar de Ana Maria Machado traz consigo projetos ideológicos. Suas marcas estão inscritas na linguagem, na escolha dos termos, das personagens e no resgate dos fatos históricos de nossa sociedade. Para Vieira (2004, p. 46), “a literatura de Ana Maria Machado procura derrubar e denunciar a ideologia oficial dominante, destacando a necessidade de ouvir as várias vozes, muitas vezes silenciadas, que em conjunto formam a cultura e a história de um povo”.

Tropical Sol da Liberdade também carrega as marcas ideológicas da escritora. O modo como foi construída essa narrativa denuncia a ligação direta da autora com os fatos narrados em seu romance. A análise de uma estrutura subjacente ao acontecimento político que marcou o final do século XX no Brasil coloca ênfase na necessidade de se conhecer a história por diferentes perspectivas e deixar de lado o próprio termo “verdade”, tendo em vista a particularidade de cada sujeito contemporâneo.

Mas, se por um lado a narrativa coloca o leitor em situação de conflito com a história, por outro, seu estilo promove nesse leitor aspirações críticas no sentido de concordar ou não com os diferentes discursos. Esse trabalho envolve valores sociais vigentes e, nessa situação, o leitor se encontra diante de uma encruzilhada: ou reafirma as verdades históricas e condena sua leitura ao esquecimento ou completa as lacunas do texto com novos questionamentos e elege a leitura ao caráter inteligível das grandes sabedorias simbólicas. Um narrador pleno, completo, é aquele que testa o leitor, tira-o da zona de conforto e o transporta para um campo de questionamentos, já dizia Adorno (2003).

Para Adorno, a grande arte é aquela que questiona a alienação do leitor. Não necessariamente com a problematização das verdades históricas, mas com a apresentação de múltiplas concepções de verdade. Em um estudo sobre o romance contemporâneo, Adorno (2003, p. 55) destaca a posição do narrador e afirma que hoje “não se pode mais narrar, embora a forma do romance exija a narrativa”. O romance contemporâneo, nos termos de Adorno, está perdendo lugar para gêneros como a reportagem e outros meios de comunicação proporcionados pela indústria cultural. Mas a tentativa de Adorno explicar a cadência do romance contemporâneo recai sobre outras questões. O narrador privilegiado necessita de distanciamento do fato para que seja possível narrá-lo ideologicamente e não transformá-lo em relato biográfico.

Seria mesquinho rejeitar sua tentativa como uma excêntrica arbitrariedade individualista. O que se desintegrou foi a identidade da experiência, a vida articulada e em si mesma contínua, que só a postura do narrador permite. Basta perceber o quanto é impossível, para alguém que tenha participado da guerra, narrar essa experiência como antes uma pessoa costumava contar suas aventuras. A narrativa que se apresentasse como se o narrador fosse capaz de dominar esse tipo de experiência seria recebida, justamente, com impaciência e ceticismo (ADORNO, 2003, p. 56).

Além da experiência do indivíduo que trava ligações com a esfera psicológica do romance, psicologia do caráter inteligível, da essência, e não do ser empírico, o narrador deve situar o realismo fictício muito distante da realidade histórica, no plano estético. *“Se o romance quiser permanecer fiel à sua herança realista e dizer como realmente as coisas são, então ele precisa renunciar a um realismo que, na medida em que reproduz a fachada, apenas a auxilia na produção do engodo”* (ADORNO, 2003, p. 57 – grifos do autor).

O romance é, por excelência, uma invenção da burguesia. Ao substituir a epopéia e a concepção coletiva de autor por um autor individualista, quebra-se o ciclo das narrativas orais de virtuosa sabedoria. No primeiro grande romance que se tem notícia na Literatura, *Dom Quixote*, W. Benjamin (1994) considera o descompromisso dessa narrativa com o leitor no que se refere ao fenômeno do conselho e da sabedoria das grandes epopéias.

Benjamin trata esse estado de perda da essência da narrativa como produto do alto capitalismo, o que consolidou a burguesia e estabeleceu um novo modo de comunicação: a informação que aspira a verificação imediata e, conforme relata o próprio Benjamin (1994, p. 203), “se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio”. O crítico discorre à respeito da arte de narrar contemporânea a ele e atesta que as narrativas de sua época são prontas, explicativas em excesso, quase que sem ações e cansativas ao leitor desejoso pelos “conselhos” das tradicionais narrativas.

Por esse ângulo, o leitor encontra-se preso às explicações e às informações do texto, sem espaço para interagir e colocar sua reflexão diante das ações narradas. Além disso, as informações só possuem valor enquanto são inéditas. Do contrário, chegam a

causar exaustão no público, e este segue cada vez mais individualista. Talvez seja por isso que Ana Maria Machado apresenta em sua literatura diferentes projetos de articulação à história, dinamizando um processo de reescrita das histórias e explorando ao máximo as potencialidades do próprio leitor em questionar a história convencional.

A narrativa de Ana Maria Machado não dá conselhos. Mas proporciona ao leitor caminhos para que ele ganhe autonomia. Mostra que a sociedade é mais ampla, que possui seres humanos diferentes e, sobretudo, que a cultura é a grande alienação dos indivíduos.

As relações de gênero se inscrevem nesse contexto. Em *Tropical Sol da Liberdade*, é possível visualizar que as relações de poder e de gênero são parte de uma mesma unidade de pensamento. O autoritarismo desperta no indivíduo a partir do local onde ele se encontra na história. Por isso, mulher e autoridade são, na maioria das vezes, opostos. Lena, protagonista da obra, é historicamente violentada. Seu estado psíquico presente não é apenas resultado da repressão ditatorial de 64, mas da opressão ditatorial do ser humano. Uma ditadura na qual o homem assumiu o papel do militar e, ao longo da história, não concedeu espaço para a ação transparente da mulher na sociedade.

Seguindo o raciocínio de Rocha (2003), a identidade também é debatida em obras de ficção fundamentadas no materialismo histórico. Embora Rocha faça uma análise da memória de Portugal, é possível reter de seu estudo que a literatura organiza “contranarrativas” que denunciam a visão totalizante da história ao mesmo tempo em que representa a vivência particular de grupos geralmente marginalizados.

Perante a nova ordem imposta pelo golpe de Estado, e perante as conseqüentes rupturas e distorções da vivência do cotidiano e da identidade, a escrita mobiliza um programa de acção: a procura da sanidade individual e colectiva a partir da evocação e do testemunho, que reencenam o trauma e o colocam em perspectiva histórica. Nestas circunstâncias, a literatura orienta-se para uma função homeostática, na medida em que visa a busca de um reequilíbrio face aos destroços de uma consciência colectiva manipulada pelo regime (ROCHA, 2003, p. 34).

Essa literatura que busca a identidade é também a literatura de resistência. Do ponto de vista da ética social, o discurso literário funciona como resposta ao

autoritarismo, desvelando as relações de poder e interesse, reconstruindo as referências históricas e os valores camuflados pelo discurso masculino e de direita. As representações de liberdade, observadas na pesquisa de Rocha (2003), se aplicam perfeitamente no romance de Ana Maria Machado. A liberdade, na cultura ocidental, é condicionada. E a liberdade da mulher, seja de expressão ou de ação, passa pelo julgamento dos valores sociais e patriarcais.

Por meio de sua narrativa, Ana Maria Machado contempla todo aparato teórico/histórico do final do século XX. A partir de Lena, a quem Ana Maria Machado se dedica para expressar sua crítica à dupla opressão, desvela-se um passado fictício e histórico e, junto a ele, o passado de uma geração de mulheres que vivenciaram o Golpe Militar.

Referências:

- ADORNO T. **Notas de literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito da história*. In: **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Vol. 1, 7 ed. Trad. Sergio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **O espaço da dor: o regime de 64 no romance brasileiro**. Brasília: Editora UnB, , 1996.
- FERREIRA, Carlos. *Bisa Bia, Bisa Bel: presente, tempo de liberdade*. In: SILVA, Vera M. Tietzmann (Org.). **Mundos e submundos: estudos sobre Ana Maria Machado**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2004.
- MACHADO, Ana M. **Tropical Sol da Liberdade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- ROCHA, Clara. *A memória literária da ditadura: autoridade, identidade, liberdade*. In: **Revista Ipotese**, vol. 7, n. 2. Juiz de Fora, 2003, p. 29-39.
- VIEIRA, Ilma S. G. *O diálogo entre literatura e história na obra de Ana Maria Machado*. In: PEREIRA, M.; ANTUNES, B. **Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.